

## Poéticas da América Latina e a casa: o corpo em delírio

*Poéticas de América Latina y la casa: el cuerpo en delirio*

*Poetics of Latin America and the house: the body in delirium*

Anelise de Freitas<sup>1</sup>

### Resumo

A partir de uma pesquisa sobre a casa nas poéticas contemporâneas da América Latina e de um mapeamento de poéticas que se relacionam com esse espaço, observei que lidava majoritariamente com um corpo delimitado por mulheres. Na dúvida da relevância dessa estatística – esse dado poderia refletir apenas um fator pessoal de leitura – optei por levá-la em consideração. Se a casa também representa um lugar imposto às mulheres, talvez seja oportuno e necessário refletir sobre esse lócus na produção da escrita feita por essas mesmas mulheres. Assim, nessas poéticas contemporâneas, o corpo apresenta-se como um lugar na construção das textualidades porque também é ele que tenta dar conta daquilo que a linguagem não supre, sem reduzi-lo ao lugar do significante, o corpo é a metáfora de reflexão sobre a casa. Ampliando a mirada para uma ideia de perspectivismo multiculturalista latino-americano e observando pelo viés histórico, não comprovamos as várias formas de contenção que foram impostas às mulheres, mas são esses aspectos que nos mostram como os tsunamis das teorias feministas européias chegaram até nós como marolas, como ainda é necessária uma visão interseccional sobre a América Latina. O espaço da casa, quando convertido em cerceamento, busca invisibilizar esse corpo e mantê-lo sob tutela, buscando sua domesticação. Por isso, trago à baila a temática da loucura e a casa manicomial dentro das textualidades poéticas da América Latina produzidas por mulheres. Nesse recorte, procuro pensar o corpo-casa que se apresenta nas poéticas de Stela do Patrocínio, Maria Isabel Abad Londoño e Alejandra Pizarnik.

Palavras-Chave: América Latina; casa; literatura latino-americana; loucura e gênero;

### Resumen

A partir de una investigación sobre la casa en las poéticas contemporáneas de la América Latina y de una primera cartografía de las poéticas en relación con ese espacio, observé que manejaba mayoritariamente con un cuerpo delimitado por mujeres. Aunque dudando de la importancia – ese dato podría reflejar solo un factor personal de lectura – elegí por considerarlo importante. Si la casa también representa un lugar impuesto a las mujeres, tal vez sea oportuno y necesario reflejar sobre ese locus en la producción de la escrita hecha por esas mismas mujeres. Así, en esas poéticas contemporáneas, el cuerpo representa un lugar importante en las construcciones textuales porque también es él que intenta dar cuenta de que el lenguaje no mantiene, sin reducirle al lugar de un significante; el cuerpo es la metáfora para reflejar sobre la casa. Ampliando la mirada hacia una idea del perspectivismo multiculturalista latinoamericano y tomando un aspecto histórico, no comprobamos las variadas formas de contención que se impusieron a las mujeres, pero son esos aspectos que nos muestran como los tsunamis de las teorías feministas europeas llegaron hasta nosotros ni siquiera como pequeñas olas, como aún se pone necesaria una visión interseccional sobre la América Latina. El espacio de la casa, cuando convertido en restricción, intenta impedir ese cuerpo y mantenerlo bajo una tutela, buscando su domesticación. Por ello, en esta investigación, propongo una mirada para la casa-cuerpo que se presentan en las poéticas de Stela do Patrocínio, Maria Isabel Abad Londoño y Alejandra Pizarnik.

Palabras claves: América Latina; casa; literatura latinoamericana; locura y género;

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários; UFJF; Juiz de Fora; MG; Brasil; [anelisedefreitas@gmail.com](mailto:anelisedefreitas@gmail.com)

### Abstract

From a research on the house in contemporary Latin America poetics and from a mapping of poetics that relate to this space, I observed that it dealt mainly with a body delimited by women. In doubt of the relevance of this statistic - this data could reflect only a personal factor of reading - I chose to take it into account. If the house also represents a place imposed on women, it may be opportune and necessary to reflect on this locus in the production of writing done by these same women. Thus, in these contemporary poetics, the body presents itself as a place in the construction of textualities because it is also the one that tries to account for what language does not provide, without reducing it to the place of the signifier, the body is the metaphor for reflection on the House. Looking at an idea of Latin American multiculturalist perspectivism and observing the historical bias, we did not prove the various forms of restraint imposed on women, but it is these aspects that show us how the tsunamis of European feminist theories came to us like little waves, as an intersectional view on Latin America is still needed. The space of the house, when converted into a curtailment, seeks to make this body invisible and to keep it under guardianship, seeking its domestication. Therefore, I bring to mind the theme of madness and the manicomial house within the poetic textualities of Latin America produced by women. In this clipping, I try to think of the body-house that presents itself in the poetics of Stela do Patrocínio, Maria Isabel Abad Londoño and Alejandra Pizarnik.

Keywords: Latin America; house; Latin American literature; madness and gender;

## 1. Introdução

Esta pesquisa se desenvolve em linhas de uma introdução sobre as poéticas da casa na poesias contemporâneas do sul global. Quando de um primeiro levantamento estatístico de poetas que trabalhavam – direta ou indiretamente – essa temática, me surpreendi ao descobrir que, majoritariamente, havia encontrado um número muito maior de mulheres escritoras abrangendo esse *topos*. Entretanto, essa mensuração não comprova nada, ou comprova que a) leio muitas mulheres; ou que b) muitas outras coisas podem continuar esse “ou”. Entretanto, para mim, enquanto pesquisadora há uma questão: como a poética da casa se relaciona com a escrita de mulheres?

Assim, a partir de uma identificação desse espaço em algumas poéticas contemporâneas manifesta-se a necessidade de uma maior atenção sobre a topoanálise. Entretanto, a ideia bachelardiana de topoanálise está mais ligada a um “estudo psicológico e sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1978, p. 202). Entretanto, faço uso das próprias palavras do filósofo para discordar de sua definição de topoanálise, ou melhor, para ampliá-la. Segundo ele “o espaço retém o tempo” (BACHELARD, 1978, p. 202), então, topoanálise seria todo e qualquer estudo do espaço dentro do contexto narrativo ou poético. Assim, esse trabalho propõe uma extensão desse conceito, que passaria a abarcar todo o estudo sobre o espaço nas obras literárias e galgaria mais afinidade com leituras atuais da perspectiva do filósofo francês; topoanálise seria todo e qualquer estudo do espaço dentro do contexto narrativo ou poético.

Embora a toponálise seja habitual no campo da literatura, poucas vezes pensou-se esse espaço da casa como uma construção performática no pensamento crítico. Isso porque a casa, na literatura, parece estar nesse lugar do trivial, afinal, todo texto literário se passa em um espaço e esse espaço, normalmente, é a casa (ou um cômodo, ou algum outro lugar fechado, ou qualquer lugar habitado). A organização nuclear clássica dessa casa (excetuando-se as novas formações familiares, claro) é feita, básica e historicamente, sobre dois pilares: “o pai de família” e a “dona de casa”. O pai é aquele que vai para o mundo externo vender sua força de trabalho, enquanto a mãe gerencia a casa a partir da força de trabalho vendida pelo homem. Essa organização é mais que o próprio núcleo da família que se reúne em casa aos domingos para o almoço em família, mas sim uma tendência ideológica. Dessa forma, por mais que encontremos outras composições familiares, não será difícil encontrar ainda essa estrutura ideológica, onde alguém assume o papel do pai de família, enquanto outra pessoa assume o papel da dona de casa. Entretanto, na contemporaneidade do sistema capitalista, a “dona de casa” assume, muitas vezes, outras funções e se confunde com a posição ideológica do “pai de família”, mas uma coisa é certa: a casa não deixará se estar sob seus cuidados.

Pensando algumas poéticas da América Latina, me parece eficaz e importante resgatar a proposta de leitura de DaMatta para o Brasil – embora seja um pensamento capaz de abranger também países como a Argentina e a Colômbia – que perpassa não o partidário maniqueísta entre a *casa* e *rua*, mas uma relação entre esses lugares. Assim, o pensador propõe uma proscrição do conector alternativo (“ou”) pelo aditivo (“e”). A casa é “uma entidade definida com extrema precisão social no caso latino-americano e portanto sujeita a uma série de atenções altamente conscientes – ritualizadas e solenes” (DAMATTA, 1985, p. 09), o que explicaria a cerimônia que fazemos para receber outras pessoas em nossas casas, sempre criando desculpas; recebemos visitas em nossa casa, via de regra, pela sala, que (junto ao jardim e a porta de entrada) é o que liga o interno e o externo (ou a casa e a rua). A construção de uma casa necessita desses “buracos” que liguem o interno e o externo, como as janelas e as portas; a porta é esse deslocamento da casa. Nos países da América do Sul, o estudo sobre a casa seria destinado à uma visão de direita, atrelada ao familiar; enquanto o estudo da rua estaria na alçada da esquerda e suas perspectivas econômicas e classistas. Entretanto, nosso desenvolvimento cultural não se dá em um ou outro lado dessa dicotomia, pois casa e rua se afetam mutuamente, isto é, se relacionem.

Buscando essa maneira relacional de ler a poesia contemporânea desses países através da casa, o que fica claro é a necessidade de se pensar as relações que são estabelecidas por esses países quando o assunto ladeia a casa. Trazendo esse conceito da relação sociológica

para o meu campo de estudos nesse trabalho, penso a relação da casa e da rua na vivência cotidiana de mulheres inúmeras: esse espaço foi – e ainda é – reservado ao “feminino”, a resguardar a pureza da moça, a manter as mulheres sob posse ou tutela. Não estou dizendo que a relação com esses espaços possa ser menos conflituosa na atualidade, justamente porque mulheres estão reconfigurando a maneira como esse lugar impacta em suas construções subjetivas. Estou dizendo que, historicamente, esse espaço da casa tem sido, um lugar de alienação da mulher no que tange a socialização. Talvez porque tenhamos convencionado que sociedade é aquilo que existe fora da casa, mas esse contexto do “entre quatro paredes” é também parte integrante da sociedade. Aqui, interessa ainda perceber como esse espaço pode ser relacionado à loucura, pois esse lugar que oprime as mulheres é comumente um espaço de cerceamento; qualquer tentativa das mulheres de romperem com essa lógica as colocam, imediatamente, em um lugar de delírio.

A casa é um “corpo de imagens” que incute em nós a razão de uma estabilidade ou uma ilusão. Há, assim, duas formas de imaginar a casa: a primeira, através de sua verticalidade do porão ao sótão (e aqui é preciso também fazer uma crítica a Bachelard, já que esse modelo de casa é, essencialmente, burguês e europeu) e, em segundo lugar, a partir de sua centralidade, em que a imagem da casa atua como uma cabana. A casa é símbolo de integração entre o sonho e o devaneio, ela nos permite. Essa imagem de verticalidade remete a uma edificação onde o sótão/telhado, parte mais alta, cobre e protege o ser humano; enquanto a parte mais baixa, o porão, é o lugar de obscurantismo da casa. Há, ainda, uma escada que liga esses cômodos. A imagem da centralidade retoma a casa primeira e primitiva, a cabana. Ela funciona como uma raiz, algo que dê sustentação. Assim podemos criar uma cosmicidade da casa, isto é, uma formação constelar sobre a terra onde indicamos uma “condensação da intimidade do refúgio” (BACHELARD, 1978, p. 221). O estudo da *casa* como um *topos* representa pensar questões da identidade através do corpo, isto é, o corpo atuaria como o fio condutor da experiência e isso seria diretamente relacionado ao processo identitário. Nessas textualidades contemporâneas, o corpo apresenta-se como um lugar na construção das poéticas porque também é ele que pode dar conta da linguagem, que reduziria tudo ao lugar do significante.

A casa é o corpo e a alma do ser humano, pois sem ela seríamos dispersos e sem continuidade (BACHELARD, 1975). Nas poéticas contemporâneas aqui analisadas – do início do século XX até a atualidade – é essa também a perspectiva que acompanhamos: o corpo está presente para atuar com(o) a casa. O corpo se apresenta com a casa quando o

observamos fazendo parte da casa e atuando com ela; e se apresenta como a casa quando, metaforicamente, a representa.

A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. Reimaginamos constantemente sua realidade: distinguir todas as imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa. (BACHELARD, 1975, p. 208).

Entretanto, não é apenas o espaço que pode mapear o conceito de casa, pois seu conceito é multidimensional e provido de muitos símbolos. A casa é um conjunto de símbolos próprios ou culturas. “Home as an expression of personal or group identify is geographically transportable in the human quest for a place in the world, a point of reference” (TERKENLI, 1995, p. 327). Como esse conceito tem muito mais a ver com o movimento que se faz pelo espaço e não propriamente com o espaço em si, o conceito de casa teria a ver com a relação entre o espaço e o tempo. E a relação que se faz entre espaço-tempo é a justaposição da coisa (aqui a coisa é a casa, objeto de estudo, objeto imagético e objeto do espaço). E colocar uma coisa em seu lugar – e aqui colocar nada tem a ver com impor um posto ou dispor para a contemplação – não é da ordem do sujeito, não obedece a sua intenção, pois “el que es de la cosa es su posición” (CUETO, 2018, p. 12). Não existe um objeto sem sujeito porque o objeto é um contraponto do sujeito na representação.

## 2. Poéticas em delírio

A casa, por si só, já é um lugar de subalternidade, onde comumente habita o privado, o secreto. Stela do Patrocínio, Maria Isabel Abad Londoño e Alejandra Pizarnik, escritoras do sul global, são exemplos para trabalhar essa relação da casa-corpo nas textualidades poéticas imbricando questões dos signos da violência, loucura e animalização do corpo. Embora nem todas estejam produzindo agora e duas delas estejam mortas, as coloco em um panorama contemporâneo porque suas poéticas não cessam de chegar até nós com a mesma reverberação de poéticas mais atuais.

No ano de 1986 a artística plástica e então professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Neli Gutmacher, a convite da psicóloga Denise Corrêa, foi até a Colônia Juliano Moreira (lugar destinado ao tratamento de doenças psiquiátricas). No pavilhão feminino, o Núcleo Teixeira Brandão, Gutmacher e seu grupo de alunos conheceram e ajudaram a desenvolver o trabalho artístico de diversas das internas que, durante mais de dois anos,

produziram na oficina oferecida por esses artistas vindos do Parque Lage. Ao final da oficina, realizou-se uma exposição, chamada "Ar Subterrâneo", e foi nesse espaço que viu-se pela primeira vez os textos produzidos por Stela do Patrocínio.

Os textos de Patrocínio estavam na exposição de artes plásticas porque durante a oficina ela raramente aplicava-se nessas artes, fazendo pequenos desenhos minimalistas ou desenhando letras esparsas; sua verdadeira expressão se dava pela voz. Durante seus 30 anos de internação, ela não perdeu a capacidade de fabular e conjecturar pela vocalidade. Chamada de poeta e filósofa, Stela do Patrocínio ficou conhecida por seu falatório, uma espécie de filosofar manante advindo do recôncavo do pensamento. Esses falatórios foram gravados e, posteriormente, transcritos pela filósofa Viviane Mosé. Essa se preocupou em manter a estrutura da fala de Patrocínio, justamente porque sua fala tinha a ver com seu processo de pensamento.

Seu discurso delirante emana de maneira fragmentada, mas ao mesmo tempo se organiza dentro de uma lógica outra que não a ocidentalizada e dicotômica. Mosé chama essa organização de "organização delirante" (MOSÉ, p. 24), calcada na intimidade eloquente que Patrocínio estabelece com a palavra que é íntima, mas também é deslocada do interior. A aparente loucura de Stela do Patrocínio é, na verdade, uma perplexidade diante da vida e daquilo que a vida é; por isso é reconhecidamente uma poeta e filósofa.

A transcrição feita por Mosé resultou no livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), livro este dividido em partes que exploram sua vida e seu distanciamento do hospital, sua vida no hospital pela metáfora do zoológico, a palavra que não dá conta e a consciência de sua palavra. Ao lidar com sua existência a partir da relação com a linguagem, Stela do Patrocínio demonstra que ser intitulada como louca é apenas uma maneira de subjugar sua forma subjetiva de pensar a vida. A razão e a loucura promovem-se como uma ruptura no interior dessa linguagem. Segundo Foucault (1987) não há na modernidade uma linguagem que combine loucura e razão. Na poética de Patrocínio, o pensar difere-se da lucidez, não é uma razão, mas sim uma visão orgânica da vida e do pensar sobre a vida.

Não trabalho com a inteligência  
Nem com o pensamento  
Mas também não uso a ignorância  
(PATROCÍNIO, 2001, p. 62)

O espaço da casa enquanto morada se resumiu a sua estadia na Colônia, mas essa casa era uma casa opressiva, a casa da loucura. Ela sai do "cativeiro" da casa de família para o

"cativeiro" do manicômio. Trancada durante três décadas, Patrocínio expurgou através de seus falatórios sua sensação de não-casa: "O hospital parece uma casa/ O hospital é um hospital" (PATROCÍNIO, 2001, p. 51). Ao longo de seus falatórios, Patrocínio fala sobre o espaço da casa. Ao mesmo tempo em que diz ver ou enxergar a casa, se distancia desse espaço dizendo que esse não pertence a ela; a casa que vê é sempre descritiva (e é um lugar onde quer apenas ver o espaço, sem ver as pessoas que nele habitam e, principalmente, sem se relacionar com essas pessoas), enquanto a casa que não lhe contempla é o espaço familiar. Justamente quanto omite a presença da casa é que ela passa a falar sobre maternidade e sexualidade. Quando diz ter falado sobre tudo é porque já falou do mundo, da casa e da família, isto é esses elementos se convertem no universal para Stela do Patrocínio.

Já falei de mundo de casa  
De prédio de família  
De que mais eu vou falar?  
Então eu já vou...  
(PATROCÍNIO, 2001, p. 144)

Já María Isabel Abad Londoño, em seu livro *Hotel París*, publicado pela primeira vez pela fundação Otraparte (2013), e reeditada pelo selo Literatura Random House (2017) do grupo editorial Penguin Random House, conta a história de Raquel, a narradora e protagonista que, após ser internada na clínica homônima ao livro, tenta construir seu presente a partir de suas memórias individuais e das de outros internos com os quais lida, num entrecruzamento de destinos que se descortinam para o leitor ao longo da narrativa.

O livro perpassa questões relativas ao ambiente social, político e familiar da personagem, que emergem de suas memórias de forma não linear - essa forma é lida pelos outros personagens como loucura - e por meio também de vozes de outros personagens que têm com ela alguma relação dentro ou fora da clínica. Além da relação entre casa-corpo, assim como em Stela do Patrocínio, a personagem principal de Adab Londoño lida também com a animalização do corpo feminino através da imagem do "perro" (cachorro, em português), apresentando seu delírio através da metáfora com esse animal.

Ao observar os animais, Gilles Deleuze anuncia como seu fascínio por eles também nasce pelo medo que tem de alguns animais. O animal tem sempre um mundo, o humano não necessariamente. O mundo animal cumpre seu ritual em pequenas ações dentro de seu próprio mundo, pois "o território são as propriedades do animal, e sair do território é se aventurar" (DELEUZE, s/a, s/p). Ao animal de território, seu reconhecimento enquanto bicho mal daquele espaço só se constitui a partir daquele lugar, isto é, esse animal não se constitui fora

do seu espaço de pertencimento. O corpo que escreve é capaz de territorializar-se na própria escrita, porque o corpo que escreve e o corpo animal se espreitam.

No romance, o corpo animaliza-se tanto pela sutileza de um sonho, seja ele sobre agarrar a casa com dois cachorros ou sobre o animal adormecido por dentro, ou a “perra vida” (ABAD LONDOÑO, 2017, p. 161). É o cachorro que morde a bengala de Raquel, como um delírio que fica ali lhe roçando as pernas. O cachorro adquire a função de um recurso linguístico de preenchimento de lacunas; sua ocorrência se dá sempre para substituir algo que aparece como um tabu e/ou não pode ser dito, como o nascimento de Milagros, por exemplo, que é gerada por uma loba.

A narrativa se desenvolve sempre em oposição a dois lugares, ma sempre lugares que representam a casa: o primeiro, a casa de repouso; o segundo, a casa da família de Raquel. Esses lugares que representam a casa são lugares que também representam o espaço do delírio. Um é o espaço da “cura” e o outro é o espaço do adoecimento. Não só Raquel é adoecida pelo espaço familiar. Ela nota, ao longo do romance, como todas as mulheres de sua família carregam uma espécie de delírio; e esse delírio se estabelece por causa da opressão sofrida. A sequência opressiva que começa com a avó que confunde memórias, passa para suas tias e chega até Raquel, para quem o médico indica o silêncio como cura da insanidade. Em certo momento a personagem principal diz que todos em sua família estão enlouquecidos, mas somente a sua loucura é punida.

Por fim, trago à baila a poética da argentina Alejandra Pizarnik, a partir de uma leitura do seu *Extracción de la piedra de la locura*. O título é uma clara referência ao quadro homônimo de Jheronimus van Aken (conhecido na Espanha como “El Bosco”), no qual um homem tem seu crânio aberto – prática da Idade Média – a fim de lhe tirarem a pedra da loucura, isto é, o cérebro. O três homens ao redor do homem submetido ao processo cirúrgico levam objetos como o livro, que representam a razão. A razão que abre crânios para extrair a pedra da loucura.

A casa, nessa poética intrincada de Pizarnik, é a morada da consolação, onde o corpo é livre e cheio de alegria. O objetivo dessa voz é exorcizar, em uma espécie de busca pelo silêncio, um “silêncio como la pequeña choza que encuentran en el bosque los niños perdidos” (PIZARNIK, 1968, s/p). Embora em um contexto distinto ao de Patrocínio, Pizarnik também esteve internada em sanatórios. Nesses momentos de internação lhe acometia um grande medo de verdadeiramente enlouquecer. O tema da morte é premente em *Extracción de la piedra de la locura*, mas o que é a morte senão nossa última morada.



Nessa obra de 1968, há um flerte muito forte com o delírio. Pizarnik era também tida como louca, assim como Patrocínio (o que para muitos se confirmou com seu suicídio e a publicação desse livro, seu último publicado em vida e para muitos uma espécie de testamento ou diário da morte); nesse livro há uma mistura de prosa e poesia, em uma clara prosa poética (e também mistura poesia e autobiografia). A poeta torna-se sua própria personagem enlouquecida. Tornar-se uma personagem dentro de sua própria poesia não era algo necessariamente novo para Alejandra Pizarnik, pois começa a construção desse personagem ainda em suas primeiras composições. Em Pizarnik, o bicho encarnado, seu animal feroz é a morte:

Esta lila se deshoja.  
Desde sí misma cae  
y oculta su antigua sombra.  
He de morir de cosas así  
(PIZARNIK, 1968, s/p)

Patrocínio, Pizarnik e a personagem de Abad Londoño, assim, não eram loucas, mas foram adoecidas por um sistema social que não podia aceitar sua subjetividade. Assim como Van Gogh, Stela do Patrocínio, a personagem de Maria Isabel Abad Londoño e Alejandra Pizarnik adoeceram: "[...] estava com saúde/ Adoeci/ Eu não ia adoecer sozinha não" (PATROCÍNIO, 2001, p. 51). Quando Artaud escreve sobre a morte de Van Gogh ele está querendo nos dizer que o pintor não se matou, mas foi exterminado (isto é, foi “matado”) pela sociedade. Assim como nessas poéticas não há enlouquecidas, mas sim processos de adoecimento pela sociedade, que no seu afã de curar aqueles que não necessitam de cura encarceram a mente elucubrada dessas mulheres (seja a escritora, a personagem ou a escritora-personagem).

### 3. Escrita de mulheres e as poéticas do espaço da casa

A casa é uma poética do feminino? O movimento feminista promoveu diversas mudanças sociais. A literatura, como esse bem simbólico e social, acompanhou essas mudanças. E a literatura feita por mulheres, a partir do século XX, tem um recorro pelo corpo e por seu lugar na sociedade. Assim, o código linguístico social e literário se articulam cada vez mais em prol de um fortalecimento das experiências de linguagem do ser transformado em mulher. Quando falo que o discurso da casa é um discurso em relação com a rua, creio que essa relação só seja possível porque as mulheres, principalmente a partir da tomada

organizativa do século XX, transformaram-se de antagonistas em protagonistas da história e buscaram seu lugar de legitimação no discurso da rua. Entretanto, factualmente, a mulher nunca saiu da casa. Dessa forma, esses lugares se imbricam e, conforme aponto, muito em função da história recente das mulheres. O próprio sociólogo DaMatta relata que uma de suas alunas, uma estrangeira, ao estudar o Brasil, disse que nossa história poderia ser contada apenas através da casa e das mulheres, pois ligamos:

[...] o interno (o ventre, a natureza, o quarto, as matérias-primas da vida que sustentam a vida: alimentos em estado bruto) com o externo; são a razão do desejo que movimenta tudo contra a lei e a ordem, pois é no pecado na transgressão que concebemos a mudança e a transformação radical e aqui está uma imagem de mulher. (DAMATTA, 1985, p. 108)

A casa foi (e ainda é) um lugar destinado às mulheres. E, principalmente, de opressão dessas, que viam seu espaço social reduzido a casa (e dentro da casa reduzido ao espaço da cozinha). Essas condições mudaram bastante no último século, graças ao movimento feminista que promoveu diversas mudanças sociais. A literatura, como esse bem simbólico e social, acompanhou essas mudanças. A partir do século XX, a literatura tem um apelo pelo corpo e por seu lugar na sociedade. A casa, nesse campo, tem atuado como uma metáfora para o corpo. Quando falo que o discurso da casa é um discurso em relação com a rua, creio que essa relação só seja possível porque as mulheres, principalmente a partir da tomada organizativa do século XX, transformaram-se de antagonistas em protagonistas da história e buscaram seu lugar de legitimação no discurso da rua. Entretanto, factualmente, a mulher nunca saiu da casa.

A casa aparece, via de regra, em contrapartida a uma família:

A casa é, então, a “materialização” da família, o espaço ritual onde seus membros interagem; é, também, o *locus* da reprodução da força de trabalho de seus membros individuais, na medida em que a família é uma estrutura de reprodução (Fausto Neto, 1978), e ainda, como coloca Macedo (1979), é no seu interior que as famílias constroem o seu mundo próprio e, através dele, se relacionam com o mundo externo. Ou, como me foi dito em Brasília, “o pobre só é gente dentro da casa dele”. (WOORTMANN, 2018, p. 120)

A organização nuclear clássica dessa casa (excetuando-se as novas formações familiares, claro) é feita, básica e historicamente, sobre dois pilares: “o pai de família” e a “dona de casa”. O pai é aquele que vai para o mundo externo vender sua força de trabalho, enquanto a mãe gerencia a casa a partir da força de trabalho vendida pelo homem. Essa organização é mais que o próprio núcleo da família que se reúne em casa aos domingos para o

almoço em família, mas sim uma tendência ideológica. Dessa forma, por mais que encontremos outras composições familiares, não será difícil encontrar ainda essa estrutura ideológica, onde alguém assume o papel do pai de família, enquanto outra pessoa assume o papel da dona de casa. Entretanto, na contemporaneidade do sistema capitalista, a “dona de casa” assume, muitas vezes, outras funções e se confunde com a posição ideológica do “pai de família”, mas uma coisa é certa: a casa não deixará se estar sob seus cuidados.

Pizarro diz que de todas as mudanças que aconteceram com o avanço dos estudos de gênero ao longo das últimas décadas, o “trânsito de las perspectivas” (PIZARRO, 2001, p. 144) é o que se possibilitou de mais importante. Principalmente, porque essa mudança de perspectiva organizou os traços dos problemas enfrentados pelas mulheres latino-americanas. Essa mudança possibilitou averiguar as condições da mulher nos setores econômicos, laborais e de saúde, por exemplo; isto é, a mulher passou a ser vista como um sujeito. A autora faz uso da teoria dos campos, do sociólogo francês Pierre Bourdieu, ao utilizar um exemplo de uma empregada e uma patroa que assistem ao mesmo programa, mas fazem leituras distintas porque os capitais simbólicos estão cruzados pelo histórico de acesso à cultura. Ou seja, nosso continente é classista e as mulheres galgarão de diferentes maneiras os pilares culturais.

[...] la subordinación de la mujer aparecería allí como producto, por una parte, de factores culturales tradicionales; por otra, de factores modernos, insertos ambos en un contexto de dependencia económica y política (Savané, 1982:1-1). Esta situación específica condiciona su participación y sus expectativas, su mirada sobre el mundo y su imagen de sí misma, condiciona la dimensión simbólica de su existencia. (PIZARRO, 2001, p. 144).

A racionalidade e o afeto, quando falamos de mulheres, são variáveis que estão permanentemente se cruzando. Para a autora, seria melhor se conseguíssemos ver os feitos culturais das mulheres (coletiva ou individualmente) como textos que se organizam em “estructuras simbólicas” (PIZZARO, 2001, p. 145). Pizarro volta sua reflexão sobre as mulheres na América Latina, mas tem ciência do trabalho dificultoso que é tentar definir uma totalidade sobre as mulheres latino-americanas, porque falar em totalidades é sempre um desafio na América latina, e esse próprio conceito não cansou-se de significar uma pluralidade, ou seja, é um conceito em evolução.

El espacio de la casa, en cambio, que genera un discurso específico, es un espacio de mucha mayor complejidad y condiciona un discurso por lo tanto con mayores determinaciones, asentado en un ámbito que es fundamentalmente privado, pero que está interferido en distintos niveles y en distintos grados, dependiendo de variables de clase, área geográfico-cultural, ubicación étnica, inserción en ámbitos rurales o

urbanos, tradicionales o modernizadores, de acuerdo a las líneas diferenciadoras que situábamos más arriba, por el espacio de la calle. (PIZARRO, 2001, p. 148).

No discurso da casa, ainda hoje em dia, pode se notar que a violência e a loucura são símbolos frequentes. Assim como pragmaticamente a violência e a loucura afetam a vida das mulheres. A América Latina é hoje o lugar mais perigoso para ser mulher, onde mais se mata mulheres fora das regiões em conflitos de guerra. E a loucura é sempre atribuída às mulheres que fogem do padrão social do que é ser mulher ou àquelas que denunciam os casos de assédio e violência sofridos de maneira gendrada.

O signo da loucura esteve sempre no seu encaço e muito atribuído ao seu suicídio, mas pouca gente fala do caráter inovador e capaz de abrir caminho para outras mulheres escritoras. Os poemas que compõem o livro são primordialmente em prosa, enquanto apenas oito dos textos estão em verso. A maioria dos poemas é muito curto, mas os seis que fecham o trabalho são longos e, até certo ponto, prosa narrativa.

Neste livro, a visão primária é, claro, a morte. Mas não a morte como algo distante e inapreensível, mas como uma presença vívida, a vertigem que dá a compreensão de que, se nada nos espera, uma espécie de silêncio eterno. Como esse é um destino certo e inevitável é como se já estivéssemos mortos: o agora se torna irreal. Há uma intrínseca inutilidade desse esforço de continuar a viver. Logo, faz-se o absoluto com palavras para fazer a morte, porque a morte real, que olha do outro lado do rio, é assustadora.

A casa funciona como uma indexação (e é importante ressaltar que as práticas indexárias mudam conforme muda a sociedade). A casa, nesses países citados pela pesquisa, teve sempre a conotação do lugar elitizado, da aristocracia, enquanto a rua seria o lugar das classes, onde a sociedade se desenvolvia. Entretanto, o importante é compreender, não necessariamente de maneira dialética, que a sociedade estabelece na interlocução entre essas faces. Assim, me parece que o jardim – o quintal – é a relação da casa com a rua, esse lugar híbrido, onde a relação acontece. Por fim, não existe uma poética do feminino, existe um cerceamento imposta às mulheres em relação a alguns signos.

## Referências

ABAD LONDOÑO, M. I. *Hotel París*. Medellín: Literatura Random House, 2017.

ARTAUD, A. *Van Gogh, o suicidado da sociedade*. Rio de Janeiro: Achiamé, sd.

BACHELARD, G. “A poética do espaço”. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-354.

COTA, D. “Em trans: leituras latino-americanas do presente.”. In: *O contemporâneo na crítica literária*. SCRAMIN, Suzana (org.). – São Paulo: Iluminuras, 2012. p. 141-62.

CUETO, S. *Intimidad de las cosas*. Rosario: Nube Negra, 2018.

DAMATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, G. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em: 26 de junho de 2018.

FILHO, O. B. “Espaço e literatura: introdução à topoanálise”. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo: Universidade de São Paulo. jul. 2008.

FOUCAULT, M. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GARRAMUÑO, F. *A experiência opaca: literatura e desencanto*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

\_\_\_\_\_. “O império dos sentidos: poesia, cultura e heteronímia”. In: PEDROSA, Celia; ALVES, Ida. (Orgs.) *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2008.

GUTIÉRREZ, C.L.T. *Alejandra Pizarnik*. (2004) Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/150541.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

KLINGER, D. “A arte murmurada ao redor do fogo (Um mapa possível da narrativa latino-americana do presente)”. In: *Revista Grumo*. 2008.

PATROCÍNIO, S. *O reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PIZARNIK, A. *Extracción de la piedra de locura*. (1968). Disponível em: <http://www.elortiba.org/old/pdf/Extraccion-de-la-piedra-de-locura.pdf>. Acesso: 04 de junho 2018.

PIZARRO, A. “Introducción”. *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

\_\_\_\_\_. “La casa y la calle: mujer y cultura en América Latina. In: ORTEGA, Eliana (Ed.). *Más allá de la ciudad letrada: escritoras de nuestra América*. Santiago: Isis Internacional 2001. p. 144-154.

RAMA, A. *Transculturación narrativa en América Latina*. 2ª ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

TERKENLI, T.S. “Home as a region”. In: *The Geographical Rewiew*, 1995, p. 324-334.

WOORTMANN, Klaas. “Casa e família operária”. In: *Anuário Antropológico*, v. 5, n. 1, 2018 (1981). p. 119-150.